



Subsídios Para a Lição da Escola Sabatina 3º Trimestre de 2008

Lição 13 – O profeta Isaías

Por Marcelo Dadamo Ribeiro
Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina
Associação Matogrossense

Isaías exerceu seu ministério profético “nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, rei de Judá” (Is 1:1), isto é, entre os anos 740 e 687 a.C., aproximadamente. Isaías 6 coloca a vocação do profeta no ano em que morreu o rei Uzias (740 a.C.).

Uzias tivera um longo e próspero reinado (791-740 a.C.) que coincidira com o período de fraqueza militar da Assíria. Como resultado, tanto Judá como Israel tiveram oportunidade de desenvolver ao máximo seu potencial econômico e militar. Infelizmente, esse período de prosperidade material foi acompanhado de grande decadência moral e espiritual, castigada por vários profetas, como Amós, Oséias e Miquéias. Os ricos oprimiam os pobres, enquanto os juízes venais nada faziam para corrigir as injustiças praticadas.

As mensagens dos profetas foram dadas em época de crise. Nenhum profeta fala no vácuo. Suas mensagens são de repreensão contra o pecado, corrupção e rebelião contra Deus. Muitas das mensagens proféticas são evocadas pelos acontecimentos correntes e as crises espirituais que deles resultam.

De outro lado, os profetas foram, antes de tudo, pregadores de justiça e só em segundo lugar escritores. Foram chamados para anunciar em praça pública, ou no átrio do templo, a mensagem recebida de Deus e que o momento exigia. Posteriormente, o próprio profeta, ou seus discípulos, punham por escrito, para benefício da posteridade, a essência dessas mensagens. Aos sermões pregados correspondem então pequenos oráculos que representam a súmula do que fora pregado oralmente.

O profeta era um homem sintonizado com o Espírito de Deus, e que se preocupava profundamente com os problemas morais e espirituais de sua geração. Contrariamente à opinião popular, somente em ocasiões excepcionais sua visão se voltava para cenas distantes na história da salvação. Como, porém, os problemas de sua época não diferem basicamente dos problemas de outras épocas, as mensagens do profeta têm aplicação para todos os tempos. A validade universal dessas mensagens é melhor compreendida por aqueles que conhecem as circunstâncias históricas que as evocaram. Daí a necessidade de estudar com simpatia a cena política, moral e religiosa da época do profeta para melhor discernir o significado de sua mensagem a seus contemporâneos.

Há diferença de opinião sobre se a vocação de Isaías descrita no capítulo 6 representa sua vocação inicial, ou se constitui a confirmação divina de um ministério já iniciado. O fato de essa descrição não ser dada no primeiro capítulo, como é o caso nas vocações de Jeremias e Ezequiel, cujos livros se abrem com o chamado ao trabalho que Deus lhes designara, inclina a balança a favor da segunda opinião. Não teríamos no capítulo 6 mais do que uma confirmação de um ministério já começado. De outro lado, nossa ignorância total quanto à redação dos livros proféticos, por quem, quando e como foram os escritos de um profeta postos em sua forma definitiva e finalmente incorporados ao cânon do Antigo Testamento torna impróprio qualquer julgamento dogmático a respeito.

Provavelmente, a importância da circunstância histórica da vocação de Isaías tem sido exagerada por vários comentaristas. A morte do rei Uzias não teria sido um fato tão catastrófico para a nação, pois fazia anos que Uzias não mais oficiava como rei. Desde que fora ferido de lepra, o rei habitava numa casa separada, e Jotão governava o povo da terra como co-regente com seu pai (1Rs 15:5) e E.R. Thiele atribui dez anos a essa corregência. (The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings, p. 111). Em vista disso, a morte de Uzias teria sido um evento de importância secundária, pois de fato Jotão já exercia as funções reais.

Se a visão do capítulo 6 é datada do ano da morte do rei Uzias, certa profecia contra os filisteus (Is 14:28) é datada do ano “em que guerreou o rei Acaz” (715 a.C.), e outra, contra o Egito e a Etiópia, é datada do ano em que “Tartã, enviado por Sargão..., veio a Asdode e a guerreou, e a tomou” (Is 20:1). O empenho em datar as profecias começa com Isaías, para aumentar ainda com Jeremias e Ezequiel, declinando em seguida.

A descrição da vocação de Isaías pode ser dividida em cinco partes:

1. Visão da glória e da santidade divinas (Is 6:1-4)
2. Compenetração e confissão de pecado (Is 6:5)
3. Purificação (Is 6:6, 7)
4. Vocação (Is 6:8)
5. Comissão (Is 6:9-13)

“Ai de mim”

O profeta não precisa se a cena que contemplou se desenrolou na terra ou no Céu. Isaías teria a mesma dificuldade do apóstolo Paulo que, descrevendo uma visão em que foi arrebatado ao terceiro Céu, não podia precisar se fora no corpo ou foram do corpo (1Co 12:1-4). A linguagem humana é inadequada para descrever experiências que o apóstolo chama de “inefáveis”. O importante é que Isaías contemplou o Senhor sentado sobre o trono do Universo, que nunca está vazio. A glória que O cercava era indescritível e os próprios anjos velavam o rosto diante dela. O que a antífona angélica realça é a santidade de Deus: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (v. 3).

Santidade é o termo que engloba todos os atributos morais de Deus. Santidade expressa o fato de que Deus rege sobre um Universo moral, e que Ele é a fonte e fundamento de toda excelência moral. Ênfase tem sido dada ao pensamento de que a santidade é o atributo que expressa o fato de que Deus é aquele que é “totalmente outro”, totalmente diferente do homem e, por conseguinte, inacessível ao homem. O próprio livro de Isaías desmente este conceito. Isaías 57:15 afirma que o Deus alto e sublime, “que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo” e que habita “no alto e santo lugar”, Se compraz em habitar com “o contrito e abatido de espírito”. De algum modo misterioso, o Deus transcendente é também o Deus imanente. A própria declaração de que o homem foi feito à imagem de Deus (Gn 1:26, 27) torna inapropriado falar de Deus como “o totalmente Outro”.

O importante é que essa visão da santidade de Deus torna o profeta consciente de sua pecaminosidade. Essa declaração, vinda do fundo de seu ser, exprimia confissão de pecados e o desejo de tê-los perdoados.

A tua iniquidade foi tirada

A atitude contrita do profeta permite, com efeito, que Deus lhe perdoe os pecados e purifique seus lábios. O processo de purificação e perdão é simbolizado pela brasa viva que um serafim tira do altar e com a qual lhe toca os lábios. É importante notar que o perdão é ligado com o altar, embora nenhum sacrifício fosse oferecido no momento. Mas um sacrifício é implícito no simbolismo da brasa tirada do altar e aplicada ao lábio do profeta. Este sacrifício não é outro que o sacrifício de Cristo sobre o altar do Calvário, sacrifício que era o fundamento de todo o perdão. Há o emblema da brasa, mas há também as palavras que interpretam o emblema, e sem as quais ele seria ineficaz.

“Eis que ela tocou os teus lábios, a tua iniquidade foi tirada e perdoado o teu pecado.”

O termo correspondente a “perdoado” no hebraico é tekuppar, do verbo kipper, expiar. O pecado de Isaías foi expiado pela graça divina em vista do sacrifício de Cristo sobre a cruz, para o qual todo o sistema sacrificial apontava, e com a efetivação do qual todo o sistema sacrificial seria abolido.

“Eis-me aqui, envia-me a mim”

Depois de seu pecado ter sido perdoado, Isaías ouviu a voz do Senhor dizendo: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6:8). É razoável supor que a experiência do perdão divino tornou mais sensível aos reclamos de Deus a consciência do jovem profeta. Não lhe foi endereçado nenhum convite em particular. Mas, no convite geral, feito a todos os homens, Isaías reconheceu seu dever em particular. Nenhuma obrigação lhe foi imposta pelo Senhor. A grandeza do ministério profético, bem como do ministério pastoral, consiste no fato de ser uma resposta espontânea, de um coração que vibra em harmonia com o coração divino. Há uma grande tarefa a ser realizada, e o homem assume voluntariamente sua parte no programa divino. Ele contempla a seara que na verdade é grande; reconhece também que os trabalhadores são poucos, e sente o constrangimento de oferecer seu serviço a Deus (Mt 9:37, 38). “O amor de Cristo nos constrange”, diria o apóstolo Paulo (2Co 5:14).

O chamado de Isaías

Os temores em que a comissão de Isaías foi expressa fazem desta passagem uma das mais difíceis do livro. A sugestão tem sido feita de que as palavras contidas nessa comissão (Is 6:9, 10) expressem não a comissão original dada ao profeta, mas suas reflexões pessoais, depois de anos de um ministério quase que infrutífero. Outra sugestão que nos parece mais aceitável é que os resultados da pregação do profeta são aqui expressos como se fossem um mandamento divino. É geralmente reconhecido que quando as pessoas não querem ouvir a palavra de Deus e praticá-la, a pregação não só se torna ininteligível, mas endurece o coração dos ouvintes. Não que Deus não quisesse que o povo compreendesse a mensagem profética e se arrependesse, mas Ele previu que, como resultado de sua recusa de se engajar na vida da obediência, a pregação só endureceria seu coração. É provável que Isaías não compreendesse o significado pleno dessas palavras senão anos depois. Foi sua experiência de um ministério cheio de frustrações que lhe permitiu reconhecer sua exatidão.

“Até quando, Senhor?”, pergunta o profeta; deveria ele prosseguir neste trabalho aparentemente inútil? A perspectiva que o Senhor lhe descerra era de molde a desencorajar os mais bravos: “até que a terra seja de todo desolada...” (Is 6:11, 12). O futuro era dos menos prometedores.

Uma luz para os gentios

O profeta Isaías esboça a esperança divina quanto a Jerusalém. Esse oráculo aparece em palavras quase idênticas em Miquéias 4:1-4. Pergunta-se qual dos dois é o original. Alguns se inclinam a considerar o de Miquéias o original. Outros preferem pensar que tanto Isaías, como Miquéias devem esta visão maravilhosa a um profeta desconhecido.

Seja como for, a inspiração quis que esta descrição magnífica do ideal divino quanto a Seu povo figurasse nos escritos tanto de Isaías como de Miquéias, cujos ministérios foram até certo ponto contemporâneos. É preferível considerar este oráculo como uma esperança divina, e não uma profecia. É o que Deus gostaria que fosse a experiência de Seu povo.

“O monte da casa do Senhor”(Is 2:2) é o monte sobre o qual o templo estava erigido, e em última análise a própria cidade de Jerusalém. Deus gostaria que Jerusalém fosse exaltada sobre os outeiros que simbolizavam as nações, não por suas proezas militares ou riquezas materiais, mas pela justiça e retidão de seus habitantes. Segundo Isaías 32:17, o efeito da justiça seria paz, e o fruto da justiça resultaria em repouso e segurança. Disso resultaria uma grande prosperidade material que seria a inveja das nações. Atraídos por essa prosperidade, muitas nações exclamariam: “Vinde e subamos ao monte do Senhor... para que nos ensine os Seus caminhos, e andemos pela Suas veredas” (v. 3). Os habitantes de Jerusalém teriam, então, uma oportunidade única de testificar a favor da lei do seu Deus e de Seu caráter. O efeito desse testemunho seria que as nações converteriam “as suas espadas em relhas de arados”, e reinaria uma paz universal, pois Deus mesmo governaria entre os povos, que Nele reconheceriam o único soberano.
